

mente, nos tempos modernos mais recentes, no século XIX, e ao longo do século XX, defendendo-se daqueles que afirmavam que os Sacramentos eram ritos criados pela Igreja como uma comunidade como outra qualquer que tem os seus ritos e os seus sinais de identidade, tem insistentemente proclamado sempre a mesma doutrina em documentos do Magistério de que convém recordar o Concílio Vaticano II e o mais recente Catecismo da Igreja Católica, que os Sacramentos têm todos a sua origem em Cristo e, por isso, não estão à mercê do arbítrio humano. Mais complexa é a explicação de como, se deu esta instituição dos Sacramentos. De alguns é fácil encontrar uma referência na Sagrada Escritura na qual se recorda o momento no qual Jesus Cristo instruiu os Apóstolos, como podemos ver com clareza a respeito da instituição da Eucaristia (a Missa) na última ceia de Jesus (cf. Mc 14,22-25); a respeito do Baptismo cuja origem se encontra no Baptismo de Jesus no Jordão e depois da ordem que o Senhor ressuscitado deu aos seus apóstolos no envio missionário, que encontramos no final do evangelho de S. Marcos (Mc 16,15) e de S. Mateus (Mt 26,19). E a respeito do Sacramento da Penitência, que encontramos em S. João na tarde do dia da Ressurreição, (Jo 20,21-22). Portanto, destes três Sacramentos temos afirmações claras nas Sagradas Escrituras. Mas também podemos encontrar indicações muito fortes a respeito dos restantes Sacramentos. A origem do Sacramento do Crisma podemos encontrá-la na promessa do Espírito Santo que Jesus anuncia aos discípulos (Jo 7) e na prática da Igreja primitiva que encontramos testemunhada nos Actos dos Apóstolos: Pedro e João vão impor as mãos a cristãos baptizados por Filipe na Samaria (Act 8); a respeito do Sacramento da Unção dos doentes, temos a instrução dada por Jesus aos apóstolos, enviados por Ele em missão, de ungir os doentes, no evangelho de S. Marcos (Mc 6) e na prática da Igreja primitiva testemunhada por S. Tiago, quando recomenda que se alguém está doente que chame os presbíteros, que unja o doente e que a unção e a oração da Igreja salvarão o doente (Tg 5); quanto ao Matrimónio, temos as bodas de Caná (Jo 2), quando Jesus está presen-

te numa festa de casamento, na qual inaugura a sua acção messiânica, realizando o primeiro sinal da sua missão, e depois em S. Paulo que recomenda que os cristãos se unam no Senhor (1 Cor 7) e relaciona a união conjugal com o grande mistério que é a relação entre Cristo e a Igreja (Ef 5). Finalmente quanto ao Sacramento da Ordem temos a vocação dos 12 Apóstolos (Mc 3,14) e a instituição da Eucaristia, que é o mesmo momento da origem do sacerdócio do Novo Testamento, quando Jesus ordena aos seus apóstolos que repitam em sua memória o mesmo gesto de consagração do pão e do vinho que se tornam o seu corpo e sangue, memorial da sua Paixão, memorial da sua entrega em oblação ao Pai e aos homens, para a remissão dos pecados: fazei isto em memória de Mim (Lc 22,19).

Mas apesar destes elementos que nos dão a certeza desta origem dos Sacramentos em Cristo, não podemos cair no exagero de alguns que pensam que só o que se encontra explicitamente na Escritura é que tem validade vinculativa, dogmática. De facto, a Escritura é para nós a referência essencial, pois nela podemos ler e conhecer o pensamento de Deus a respeito do homem, sendo que é em Jesus Cristo que Deus nos revela a sua única e definitiva Palavra. Mas há muitas coisas que não se encontram na Escritura e que são muito importantes: é a Tradição viva da Igreja e alguma até não escrita (não se encontra no texto bíblico) e que Jesus terá comunicado aos seus apóstolos nos quarenta dias em que lhes apareceu entre a Páscoa e o Pentecostes (Act 1,3). E por isso para nós o critério de fidelidade e de verdade tem a ver não só com a Sagrada Escritura, que é a fonte principal, pois é a revelação de Deus ao homem, e que a Igreja conserva com todo o cuidado, mas também com a tradição viva que se encontra, entre outros lugares, no ensino dos Santos Padres, na Liturgia e no Magistério constante da Igreja, em documentos dos Papas, dos Concílios, como aqueles que acima referimos, o Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica, a que o Beato João Paulo II dava tanta importância, como instrumento para combater a secularização actual e uma certa desertificação do espírito cristão em muitos católicos de hoje.

P. Jacinto Farias, scj

Continua

Os Sacramentos e a sua importância na vida dos cristãos

PRIMEIRA PARTE



GIOTTO, *Baptismo de Jesus*,
Capella degli Scrovegni, 1305 ca.

Introdução

Tradicionalmente, e no sentido mais nobre deste termo, costuma dizer-se que são cristãos praticantes os que participam regularmente nos Sacramentos e muito concretamente, na missa dominical e na confissão frequente, esta ao menos uma vez por ano, pela Páscoa. Nos últimos tempos esta designação tem caído em desuso, porque para muitos a frequência sacramental se tornava de tal modo rotineira que acabava por não ter consequências para a vida, pois acabavam por viver como os outros sem dar testemunho de uma vida que correspondesse ao que celebravam; e este divórcio entre a celebração da fé e a vida foi mesmo considerado pelo Concílio Vaticano II como uma das causas que levam muitos a abandonar a fé ou a não se interessarem por ela, num mundo sempre mais marcado pela secularização e ateísmo (cf. GS 19-21). Hoje, infelizmente, a frequência da missa dominical é cada vez menor mesmo entre os que se declaram católicos e muito menos ainda são aqueles que se confessam com algu-

ma regularidade. As razões apresentadas são de diversa natureza, mas uma mais comum baseia-se na convicção de que para ser cristão não é preciso ir à missa ao Domingo, e quanto à confissão alegam os que a não praticam que se confessam directamente a Deus.

As reflexões que se seguem têm como objectivo contribuir para um melhor esclarecimento daqueles que desejam redescobrir as razões pelas quais a Igreja continua a insistir na necessidade da vivência dos Sacramentos, não apenas como condição de o cristão alcançar a salvação eterna, como um horizonte que se deseja o mais distante possível, por se situar, assim se pensa, para lá da morte (que ninguém deseja e que pensa que é uma coisa que só acontecerá aos outros), mas como condição para o cristão alcançar a felicidade, pois esta, mesmo considerada do ponto de vista meramente humano, só pode tornar-se uma realidade se o homem nunca perder de vista o fim para onde a sua vida se orienta, o sentido da sua vocação e missão no mundo, a razão pela qual Deus o criou; e esta felicidade só se encontra quando o homem repousa realmente em Deus e faz da sua relação com Ele como que o ar que se respira, a água que sacia a sede, o pão que alimenta a fome de justiça e de paz. A descristianização do mundo e a desertificação da Igreja têm tido como consequência, bem evidente para quem for capaz de ver, a desumanização do mundo. Para isso, vamos procurar recordar um conjunto de verdades esquecidas pelos cristãos de hoje a respeito do que são os sacramentos e do que eles representam na vida da Igreja e dos cristãos.

1. Os sacramentos são sinais sensíveis

Os sacramentos são sinais sensíveis que se situam na esfera da experiência religiosa entendida aqui não só na sua acepção mais comum de algo que tem a ver com a vida espiritual no que ela se distingue das nossas mais comuns



ROGIER VAN DER WEYDEN, Sete Sacramentos, 1040-1045.

ocupações quotidianas mas também na acepção do conjunto das relações nas quais se organiza a nossa vida pessoal e comunitária e na nossa relação com o mundo e que é essencialmente mediada pelo corpo. Na reflexão que hoje se faz sobre a nossa condição humana tanto podemos dizer que o homem tem um corpo, como o homem é corpo. Com isto quer-se sublinhar que o corpo não é algo descartável, como um objecto que possuímos ou que utilizamos - o que seria uma redução materialista da compreensão da realidade humana -, mas que o corpo nos constitui e que é, por assim dizer, a possibilidade de nos encontrarmos connosco mesmos, com os outros, com o mundo e com Deus. Somos/temos corpo, mas não nos reduzimos a um corpo, porque somos também alma e espírito, seres que estão no mundo, mas não são do mundo. Toda a nossa experiência, seja ela de que tipo for - humana, afectiva, moral, espiritual - e todo o nosso conhecimento passam necessariamente pela mediação do corpo, pois só temos acesso às coisas inteligíveis através das coisas sensíveis. Os Sacramentos são estes sinais sagrados que recordam e medeiam para nós o encontro com os outros e com Deus na comunidade dos crentes, a Igreja.

Na nossa experiência cristã começamos por nos encontrarmos com os Sacramentos, no Baptismo, como o primeiro de todos; o Baptismo incorpora-nos na Igreja e esta leva-nos a Cristo e Cristo conduz-nos a Deus, nosso Pai. Portanto os Sacramentos têm a ver com a nossa condição

corpórea e podemos dizer em geral que todos os Sacramentos são a autêntica consagração do corpo, lavado no Baptismo, ungido no Crisma e na Ordem, alimentado na Eucaristia, curado e reconciliado na Penitência e na Unção dos doentes, consagrado numa missão na Ordem e no Matrimónio. Mas tudo pela mediação corporal, pois não somos puros espíritos nem podemos, por isso, fazer de Deus uma experiência meramente espiritual que não envolva, sobretudo nos Sacramentos, todas as dimensões da nossa condição humana, na relação com o mundo, com os outros e com Deus.

2. Os Sacramentos foram instituídos por Cristo

Faz parte da fé da Igreja que a origem dos Sacramentos se encontra em Cristo. Não se trata, portanto de uma invenção da Igreja, como ao longo dos tempos muitos pretenderam defender e mesmo nos nossos dias muitos continuam a afirmar, retomando para o efeito teorias antigas que a Igreja, por ser fiel ao seu Senhor, sempre rebateu com energia. É uma história muito interessante esta que aqui não é possível contar. Mas diria que encontrou três momentos muito importantes de afirmação. No já longínquo século XIII, contra alguns movimentos que defendiam uma compreensão meramente espiritual e interior da Igreja, sem Sacramentos nem instituições visíveis, em declarações de Papas e Concílios, a Igreja proclamou que os Sacramentos foram todos - Baptismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Unção dos doentes, Ordem e Matrimónio - instituídos por Jesus Cristo. No século XVI, quando se deu Reforma Protestante que reduzia o número dos Sacramentos ou dava deles uma interpretação meramente subjetiva e espiritual, o Concílio de Trento proclamava a convicção da Igreja acerca dos Sacramentos em Cristo e por isso afirmou que a Igreja não tem poder sobre eles, mas que é simples servidora. Final-